

ACBJ-BA

Associação Cultural Brasil-Japão do Estado da Bahia



Informativo nº 114 — Abril a Junho de 2025

Por quê um novo visual para a ACBJ-BA?

Após 39 anos de fundada e a ser comemorado em 15 de outubro próximo, a nova Diretoria da ACBJ-BA achou por bem criar um novo visual para melhor divulgar o seu principal meio de comunicação, ou seja, o Boletim Informativo, distribuído via e-mail e, também impresso, para os associados, assim como para Instituições com as quais mantém relacionamento, dentre estas a Embaixada Japonesa, em Brasília, o Consulado Geral do Japão no Recife, responsável pelo relacionamento entre os Estados brasileiros do Ceará até a Bahia e o Japão, a Fundação Japão em São Paulo, a Agência de Cooperação Internacional do Japão – JICA – o Bunkyo, Associação Brasileira dos descendentes nipônicos e demais órgãos do seu relacionamento estreito como a Federação Cultural Nippo da Bahia e ANISA- Associação Cultural Nippo Brasileira de Salvador.

Deve-se o novo visual à criatividade e habilidade técnica do seu sócio e membro do Conselho Fiscal – Rafael Souza, com a colaboração do atual Presidente da ACBJ-BAHIA e a participação de toda a Diretoria.

Odecil Costa Oliveira

Takeshi Kobayashi se foi...

Takeshi Kobayashi foi um grande violinista, que tivemos a honra de ter entre os amigos. Ele era violinista de concerto, desses que fazem o solo de concertos para violino, em pé, na frente da orquestra. Faleceu aos 94 anos, no dia 19 de maio de 2025. Era uma pessoa de destaque, mas era nosso grande amigo. Sempre que Érika ia ao Japão, passava no apartamento dele, em Yokohama, e era tratada (eu também, quando ia junto) como uma rainha. Passava a tarde inteira e boa parte da noite conversando com ele e a esposa maravilhosa, Akiyo, também violinista de alto padrão.



Na esquerda: Gildemar Carneiro; meio acima: Akiyo Kobayashi;
meio abaixo: Takeshi Kobayashi; direita: Eriko Sato

Nosso primeiro encontro foi quando a ACBJ (Associação Cultural Brasil Japão do Estado da Bahia) o convidou para fazer uma apresentação no Teatro Castro Alves, mais ou menos em 1995. Shai, minha filha, tinha 4 anos na época, e não quiseram deixar ela entrar porque não era uma apresentação para crianças. Então eu argumentei que ela assistia sempre a concertos no Japão e se comportava muito bem. Ela sempre assistia em silêncio, com muito interesse, e batia palmas no final. O rapaz se deu por convencido e pudemos entrar todos. Nesse dia, para mim Kobayashi era como um ídolo internacional, e nosso relacionamento não era mais do que o de artista e plateia.

Anos mais tarde, de 21 a 23 de outubro de 2008, a ACBJ voltou a convidá-lo para ministrar um curso do Método Suzuki com os alunos do Neojibá, que mais tarde viriam a fazer apresentações em vários países da Europa. O Método Suzuki é um método criado por Shin'ichi Suzuki depois da segunda guerra, com a filosofia de que, do mesmo modo que as crianças aprendem a falar antes de ler, todos podem aprender a tocar antes de ler partituras. A famosa violinista Hilary Hahn gravou os métodos produzidos por Suzuki, e o filme “A música do Coração”, com Meryl Streep, retrata basicamente esse método com as músicas usadas por ele, embora não faça nenhuma citação.

Kobayashi foi aluno direto de Suzuki, e por isso era um grande especialista no método. Deu aulas na Venezuela, no processo de formação do El Sistema, sistema de integração social por meio da música, de onde saiu o grande regente Gustavo Dudamel. El Sistema também foi a inspiração para o programa Neojibá, Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia, criado em 2007, e respeitado mundialmente.

Eu fiquei encarregado de traduzir a conversa entre Kobayashi e a ACBJ, da qual ainda sou membro. Lembro que uma vez ensaiando no Teatro Castro Alves ele falou: “Me cansei (tsukaretá)! Gildemar como se diz ‘tsukaretá’ em português?” Aproveitei para não perder a chance da piada: “Em português se diz ‘me cansei’. Por isso que Schubert não terminou a sinfonia dele”. A Sinfonia Inacabada de Schubert se chama “mikansei” (未完成 = inacabado) em japonês. “Tem razão”, ele respondeu bem humorado.

Os detalhes da vida dele estão no livro autobiográfico Fantasia - Minha Vida (ファンタジアわが人生). Ele nasceu na Indonésia, e o pai vivia tentando aprender a tocar violino. A paixão era tanta que obrigou os dois filhos a estudar. Takeshi Kobayashi não gostava, estudava por obrigação e só aos 18 anos, quando ganhou um concurso de violino, que passou a ter amor pelo negócio. Tornou-se spalla (chefe dos violinos e representante da orquestra) da Orquestra Sinfônica de Brno, na atual República Tcheca, ou Chéquia. O concurso era feito com o candidato atrás de uma cortina, para que o jurado não soubesse quem estava tocando. Ele foi o melhor, mas sofreu por isso. A orquestra não se conformava em ter um japonês como melhor violinista, e sempre que fazia excursões por outros países dava férias a Kobayashi. Às vezes os “colegas” escondiam a partitura dele. Ele tocou também na orquestra de Linz, na Áustria.

Quando foi chamado para lecionar violino na Venezuela, o nome original do projeto era “Academia Método Suzuki”, mas depois mudaram para “El Sistema”. Convidaram índios para participar, e os índios eram os que se dedicavam com mais afinco. Os filhos dos políticos participaram também, mas apareciam quando bem queriam. Depois de feita a apresentação final, políticos foram condecorados. Kobayashi, que ensinou a todos, ficou de plateia, e os índios foram mandados de volta para suas aldeias, sem os violinos.

Com esse contato, traduzindo as conversas dele, acabamos ficando muito amigos. Kobayashi é de uma personalidade marcante. Sempre com seu chapéu e com seu carisma impressionante. Tocava peças difíceis do compositor romeno Enescu, que exigia microtons, notas não usadas na música de concerto a que estamos acostumados. Foi entrevistado várias vezes no programa de Tetsuko Kuroyanagi, uma mulher de grande prestígio, equivalente a Jô Soares no Brasil. O pai dele era amigo do pai dela, e o papo fluía fácil.

Com a sua partida perdemos um grande amigo. É uma pessoa que faz falta no mundo, que brilhava e iluminava por onde passava. Descanse em paz, amigo!

A Arte e a Beleza das Técnicas de Madeira no Museu de Takenaka e na Empresa Kongō Kumi



Museu Takenaka Carpentry Tools

Se quisermos compreender e aprofundar a cultura japonesa e a sua preocupação com a Natureza e a interconexão necessária e fundamental com o meio ambiente envolvente é imprescindível uma visita ao Museu Takenaka Carpentry Tools localizado na cidade de Kobe.

Neste espaço museológico podemos observar como a sustentabilidade ambiental era uma preocupação japonesa muito antes desta preocupação ocorrer no mundo ocidental derivado das alterações climáticas que cada país está a sofrer em distintas escalas.

Neste local é possível observar distintas técnicas ancestrais, que continuam a ser utilizadas nos dias de hoje, porque este Museu pretende preservar a memória do património cultural japonês de forma a permitir que as gerações mais jovens compreendam como através de técnicas milenares, edifícios e objectos conseguem sobreviver a passagem do tempo.

Neste sentido, convém destacar uma empresa que ao longo do seu Historial empregou diversas técnicas de madeira que se podem contemplar neste Museu.

O nome da empresa é Kongō Kumi Co., Ltd e é a mais antiga empresa independente a funcionar com mais de 1400 anos de existência tendo sido fundada na cidade de Osaka . Mais concretamente foi fundada no ano de 578 para erigir o templo Shitenno-ji, um projecto do Príncipe Shotoku, um líder político com grande devoção ao Budismo.



Templo Shitenno-ji na cidade de Osaka

Valoriza as técnicas ancestrais de construção tendo-se especializado ao longo de sucessivas gerações na edificação de templos religiosos.

Ao longo da sua História sobreviveu a crises económicas, devastadoras guerras, a diferentes regimes políticos. Contudo, no ano de 2005 esta empresa familiar viu-se sufocada por um problema contemporâneo. Excesso de dívida e incapacidade de cumprir com os prazos de pagamento. Esta empresa ao fim de 40 gerações estava prestes a desvanecer-se. Contudo, um empresário local, admirador desta empresa adquiriu-a, porque no seu ponto de vista, se esta empresa desaparecesse seria uma vergonha para a cidade de Osaka. Deste modo desde o ano de 2006 está integrada no grupo de construção Takamatsu e a executar o que sempre fez construindo templos, preservando tradições e perpetuando as técnicas de construção em madeira que podem ser contempladas no Museu de Técnicas de Carpintaria Takenaka na cidade de Kobe.

Doutor António Miguel Santos

Quem formou Hokkaido?



Antigo Gabinete do Governo de Hokkaido

O norte do Japão possui uma história bastante singular, fugindo do imaginário japonês comum que possuímos. Conhecida pela sua ampla coexistência com a natureza local, com uma história diferenciada e grande proximidade geográfica com a Rússia, Hokkaido é uma ilha que se diferencia da imagem difundida do Japão. Em contraste com a modernidade de Tóquio e a tradição milenar de Quioto, Hokkaido possui uma história mais multicultural, trazendo consigo, além da tradição japonesa, influência russa e parte da cultura dos povos indígenas, conhecidos como Ainu.

Embora tenham sofrido marginalização ao longo da história, a cultura Ainu resiste, com suas tradições, lendas e artesanato. Não só na ilha de Hokkaido, mas ao norte da ilha de Honshu (ilha principal do Japão, onde se localiza Tóquio e Quioto) é possível encontrar traços do povo Ainu, muito perceptíveis em nomes de locais. Em Hokkaido, principalmente, a maioria dos locais são denominados a partir de sons e/ou significados da língua Ainu, um povo que, apesar de não possuir língua escrita, conseguiu deixar um legado, muito parecido como muitos locais ou cidades baianas trazem consigo nomes do tupi-guarani.

No decorrer da história, o povo Ainu foi empurrado cada vez mais ao norte, até se estabelecerem em Hokkaido. Nos tempos inverniais, quando o mar congelava, era possível a travessia de trenó puxado por cães entre Rússia e Japão, o que possibilitando a interação, comércio e trocas culturais. Essa integração cultural consegue ser bem visível em várias cidades em forma da arquitetura, que traz consigo características mais russas. Já na culinária, o clima frio junto a abundância de recursos naturais, como frutos do mar e produtos agrícolas, cria uma culinária única na qual mescla os pratos típicos japoneses com técnicas e ingredientes de origem russa, como exemplo, há o jingisukan, prato de carne grelhada.



Estátua de Ekashi (homem idoso respeitável) com placa escrita “Iran Kapte”, palavra em dialeto Ainu para saudação com diversos significados, entre eles ‘oi, bom dia, boa noite ou bem-vindo’. Em estação da cidade de Sapporo, Hokkaido

Juntamente com a influência russa, a junção de ambas acabou resultando no que temos hoje como a identidade única de Hokkaido que esconde por trás de belezas naturais e grandes pontos turísticos, uma rica história. Uma pequena mistura cultural, que a torna um diferencial e importante ponto da história japonesa que não é muito conhecida.

Rafael Souza, colaboração de Eriko Sato

117 anos da imigração japonesa no Brasil e sua relevância para a Bahia.



A imigração japonesa contribuiu significativamente para a diversidade cultural e econômica da Bahia. Em 18 de junho de 1908 chegaram os primeiros imigrantes no Brasil. Os benefícios, advindos da presença japonesa, como a agricultura, favoreceram o desenvolvimento de outros segmentos, tecnologias, trabalhos manuais e música.

O “Amerika Maru” foi um dos navios que trouxeram imigrantes japoneses após a Segunda Guerra Mundial, e parte destes vieram para Bahia, entre 1949 e 1959, criando inicialmente as colônias nas cidades de Una e Ituberá.

As comunidades eram regulamentadas pelos governos federal ou estadual. Em 1954 foi criado o Instituto Nacional de Imigração e Colonização para controle dos movimentos migratórios, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. O Decreto nº 39.364, de 13 de junho de 1956, distinguia os núcleos coloniais de Ituberá, Una, Pôrto Seguro, Andaraí e Jaguaquara.

A imigração foi motivada pela busca por terras e melhores condições de vida, e pela política

brasileira de povoamento de vazios demográficos. As comunidades produziam especialmente frutas, verduras e legumes para reduzir a introdução destes advindas de outros estados brasileiros. A presença dos produtores japoneses na agricultura baiana tem sido fundamental para o desenvolvimento do setor, pois inseriram técnicas agrícolas avançadas e forte senso de cooperativismo, contribuindo para o aumento da produtividade e a organização da produção local.

Com os imigrantes japoneses vieram seus usos, costumes, traços culturais e fazeres, parte deles já bem conhecidos e inseridos no cenário brasileiro.

Maria Angela Ornelas de Almeida

Emilton Moreira Rosa – Centenário do Samurai de Maracangalha

Sociólogo e ativista social inspirador desenvolveu, ao longo de sua vida, diversas atividades profissionais, culturais e sociais. “Sempre Alerta” – reverenciado escoteiro destaca na sua fala a interação social para servir e ajudar o próximo.

Diretor Cultural da ACBJ-BA por 33 anos manteve seu compromisso com a valorização da cultura japonesa e fortalecimento dos laços entre Bahia e Japão, preservando as tradições japonesas, com iniciativas culturais, sociais e institucionais. Pelo trabalho profícuo se tornou Cônsul Honorário do Japão em Salvador (1997-2006) e foi agraciado com Honraria do Imperador do Japão, a Comenda Ordem do Sol Nascente de Raios de Ouro com Colar(2003). Recebeu o Diploma de Honra ao Mérito Kasato Maru, em 2008, no Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. Vida longa ao nosso Diretor.

Maria Angela Ornelas de Almeida

Kako De Akishino

Princesa Imperial do Japão em solo brasileiro



A Princesa Kako de Akishino realizou uma visita oficial ao Brasil para celebrar os 130 anos de relações diplomáticas Brasil-Japão. Durante sua estadia, ela participou de diversos compromissos, incluindo uma recepção no Palácio da Alvorada com o presidente Lula e visita a várias cidades do país, nas quais se envolveu em atividades culturais e sociais, reforçando os laços entre os dois países.

Entre elas, foi feito um convite à Lika Kawano, membro da ACBJ-BA e Presidente da Federação Cultural Nippo Brasileira da Bahia, para representar a comunidade na recepção oficial. Ficou curioso?

[Para mais informações acesse acbj-ba.com.br](http://acbj-ba.com.br)

Recomendação musical:

“Hamabe no Uta” – Tamezō Narita



Tamezō Narita foi um compositor japonês do distrito de Kitaakita, Akita. Ele é conhecido por suas contribuições à música clássica japonesa.

Hamabe no Uta (Canção de Praia), escrita em 1914, é uma canção folclórica que evoca memórias nostálgicas de caminhar pela praia.

É interpretada aqui pelo Ateneu Musical, de Salvador, no Bon-Odori de 2012 promovido pela Anisa.

Diretoria:

Presidente:
Odecil Costa Oliveira

Vice-presidente:
Maria Angela Ornelas
de Almeida

Secretária:
Isangela Gote Kawano

Tesoureiro:
Marcos Tsuneo Shimizu

Diretora Sociocultural:
Ogvalda Devay de Sousa Tôres

Conselho Deliberativo:

João Carlos Chaves
Fusako Ishikawa Lariu
Lauro Santos
Eriko Sato
Juliana Mari Tanaka Sousa

Conselho Fiscal:

Marcelo Naoto Shimizu
Paulo Ferreira De Matos
Luan Sacramento Bonfim
Gildemar Carneiro Dos Santos
Rafael Souza De Jesus

Fundada em 15 de outubro de 1986 Rua.
Biguá, 201 - 1º andar

Site: www.acbj-ba.com.br

Estatuto Registrado no Cartório do Registro
Civil de Pessoas Jurídicas 1º Ofício Nº
01758

CNPJ – 15.236.532./0001-08

Reconhecida de utilidade Pública pela Lei
Nº 6715 de 05/01/1995 Distinguida com o
título de Honra ao Mérito pelo governo
japonês em 10/08/1995

Agraciada com a Ordem do Mérito Kasato
Maru - 15 de agosto de 2008

Responsável pela edição: Rafael Souza